

**BEATIFICAÇÃO**  
**de**  
**PAULO VI?**

**- Carta aos Cardeais -**

Eminência Reverendíssima:

Li na Imprensa que, em 11 de Dezembro, os Cardeais e os Bispos, ultrapassado o obstáculo dos teólogos, darão o seu **“sim”** à beatificação de Paulo VI, apesar de não ter tido, durante a sua vida, fama de santidade, e ter sido, para muitos, o primeiro responsável pelos problemas actuais da Igreja, isto para não dizer que o seu Pontificado foi, na realidade, catastrófico!

Então, seja-me concedido citar o que foi relatado, em grandes caracteres, no *Avvenire* de 19 de Março de 1999, página 17, acerca de Mons. Montini: **«Ruini traça o perfil do Papa (Paulo VI) que mudou a Igreja»**.

Certíssimo!.. Já o havíamos demonstrado com a nossa **Trilogia Montiniana**, nunca tida **nem como falsa nem pouco fiável** pelos meus opositores, limitados a graçolas e insultos, sem nunca denunciarem em público o “como”, o “onde”, o “porquê” de que nossos argumentos e documentos fossem contrários à verdade.

Decerto, dizer a **Verdade** não é, de modo nenhum uma ofensa, nem sequer à pessoa de Paulo VI, já entrado na História, pelo que toda a sua vida é objecto de estudo sem reticências nem mistificações, sem lhe colocar a auréola na cabeça, o que significaria colocá-la igualmente na sua **“revolução”** operada pela Maçonaria, por seu intermédio, em nome do Vaticano II.

\*\*\*

Deve-se, assim, apresentar o esboço das suas presumíveis virtudes, necessárias para uma beatificação. O Cardeal Ruini, no discurso de encerramento do **Processo Diocesano**, disse: «A sua **Fé** resplandece através da sua pessoa, brilha nas suas palavras. Em 1967, inicia o **Ano da Fé**. Em 1968, no átrio de São Pedro, proclama o **Credo** do povo de Deus; uma Fé baseada no Credo de Niceia».

Todavia, quanto a essa presumível Fé, que o Cardeal inclusivamente qualificou como **“apaixonada”**, desmente-a o mesmo Paulo VI no seu famoso discurso sobre a auto-demolição da Igreja, durante o qual disse: «A Igreja encontra-se numa hora de interrogação, de auto-crítica. Dir-se-ia mesmo de auto-demolição. Uma Igreja que quase, quase se fere a si mesma. Todos esperam do Papa gestos clamorosos e decisivos. Mas, o Papa não considera que deva seguir linha diferente daquela da confiança em Jesus Cristo, que se preocupa com a Sua Igreja mais do que qualquer outro. Será Ele que acalmará a tempestade».

Esta sua declaração soa a traição ao seu dever de Vigário de Cristo, o Qual, para a defesa da Fé, se serviu sempre de Seus sucessores, a começar por São Pedro, Seu primeiro Vigário na Terra. Logo, essa decidida recusa de Paulo VI em defender a Fé ele mesmo, foi uma aberta recusa de fazer aquilo que era, contudo, o seu primeiro dever. Portanto, a sua política de **“não intervenção”** foi uma abdicação do seu ofício próprio no dever de intervenção na auto-destruição da Igreja, que ELE mesmo conduzia. Uma recusa, assim, que constitui autêntico **pecado de omissão**.

Como pensar, então, em levar aos altares, à veneração dos fiéis, um Papa que tão gravemente faltou ao seu principal dever, que é, de facto, **a defesa do “depositum fidei”**?

Paulo VI abdicou do seu principal dever, não o cumprindo como **Cabeça** da Igreja Católica, a fim de se colocar ao **serviço** da Humanidade e conciliar todas as crenças e todos os cultos numa única religião universal. Sonhando converter-se no grande unificador dos povos, sacrificava a Igreja Católica, a Tradição, as Instituições, os próprios fiéis, para formar esse movimento de animação espiritual da **Democracia Universal**, que deve escravizar a Igreja a o mundo.

Deste modo, Paulo VI, não distinguindo já a Igreja de Cristo, que é **“uma e não duas ou mais”**,

foi o primeiro Papa que, no discurso de abertura da Terceira Sessão, em 14 de Setembro de 1964, evocou as comunidades religiosas cismáticas e heréticas, dizendo:

**«Oh Igrejas distantes e tão cerca de nós! Oh Igrejas objecto do nosso sincero pensamento! Oh Igrejas da nossa incessante nostalgia! Igrejas das nossas lágrimas!»** ... E anunciou, logo e em muitas ocasiões, o mútuo perdão pelas culpas recíprocas.

Posteriormente, a sua incessante propaganda ecuménica foi só para levar ao reconhecimento das outras comunidades cristãs e não para as conduzir à verdadeira comunidade de salvação.

Prova disso é a sua visita ao **Conselho Ecuménico das Igrejas**, em 10 de Junho de 1969, onde foi recebido por cerca de **234 comunidades religiosas**. Ali, Paulo VI assumiu a sua linguagem e participou ainda desse cisma geral com esta afirmação: **«a fraternidade cristã... entre as Igrejas que formam o Conselho Ecuménico e a Igreja Católica»** ... ignorando que não pode haver fraternidade entre a Igreja Católica e os **dissidentes**. Por outro lado, ele mesmo levantou a questão, dizendo: **«A Igreja Católica deve tornar-se membro do Conselho Ecuménico»**. E disse logo: «em tão grande fraternidade, não cremos que a questão da participação Católica no **Conselho Ecuménico** esteja madura a ponto de que se possa e deva dar uma resposta positiva. A questão fica no campo das hipóteses... graves implicações... caminho largo e difícil».

Foi um discurso “balão de ensaio”, porque, no fundo, lá estava o seu **“sim”**; provou-o ao dizer: **«O espírito de um são ecumenismo, que anima uns e outros... reclama, como condição primeira para o contacto frutuosa entre diferentes confissões, que cada um professe lealmente a própria fé»**; e, aqui, Paulo VI convocou ao reconhecimento dos valores positivos cristão-evangélicos que se encontram nas outras confissões e à abertura de todas as possibilidades de colaboração... como no campo da caridade e da busca da paz entre os povos.

Finalmente, à pergunta sobre se há salvação em uma ou outra das 234 “igrejas” membros do **CEI**, ao passo que a doutrina da Igreja Católica sempre tinha respondido negativamente, Paulo VI, pelo contrário, responde afirmativamente! Vê-se sempre esta “mens” sua quando acolhe judeus, muçulmanos, bonzos, budistas... e visitando-os durante as **“viagens apostólicas”**, com o fim do **“diálogo”**.

Mas, antes de Paulo VI, nenhum Papa tinha declinado a Fé no plural; Paulo VI, contudo, dizia que as **“confissões”** se homenageavam mutuamente.

Durante a sua viagem ao Uganda, Paulo VI falou dos “mártires ugandeses”; foi, pois, visitar esses “mártires católicos”, mas confundidos, indiscriminadamente, com os muçulmanos, com os protestantes; segundo ele, morreram em **“espírito ecuménico”**, unidos para além dos conflitos dogmáticos. Iguamente, na sua viagem a Bombaim (onde os hindus lhe ofereceram um pequeno ídolo e os budistas um Buda!), **Paulo VI não mostrou nenhum discernimento entre as religiões humanas e a Católica**.

E mais se poderia continuar sobre este tema da Fé. Bastará mencionar, por agora, esse seu escandaloso gesto da entrega aos turcos, com uma desculpa escrita, do **“glorioso estandarte de Lepanto”**, quase se desculpando de que não tivessem tido liberdade para ocupar e entregar ao islão toda a Europa Católica.

Quanto ao seu **“Credo do povo de Deus”**, que o Cardeal Ruini comparou ao **“Credo de Niceia”** e que apresentou como o *non plus ultra* da Fé de Paulo VI, tem de dizer-se que o designado “Credo”, recitado em público no átrio de São Pedro, foi precedido por “duas precisões” de Paulo VI: a primeira, que ele queria dar um “firme testemunho da verdade divina confiada à Igreja” (isto é louvável!); mas a segunda precisão punha tudo em discussão, **porque excluía, expressamente, que o seu “Credo” fosse uma “definição dogmática”**. Disse, de facto:

**«Vamos fazer uma profissão de Fé, pronunciar um “Credo” que, sem ser uma definição dogmática, (...) com algum desenvolvimento requerido pelas condições espirituais do nosso tempo»**.

Ora, esta sua expressão **eliminava do nosso Credo Católico a nota de infalibilidade**, por ser este de **“Verdade revelada”**, de Fé Divina e de Fé Católica, atestada pela Sagrada Escritura e pela Tradição.

Em São Pedro lê-se: **«Inde oritur unitas sacerdotii»**, ou seja, o Papa deve ser o vínculo da **Caridade** e, portanto, da união. Todavia, **Paulo VI honrava e preferia “aqueles que estão distantes”** sobre os próximos na Fé, mostrando, em relação a estes, uma fria amizade; admirava a linguagem, os ritos religiosos e as tradições dos “outros”, enquanto perseguia os que pertencem à antiga Tradição Católica. As portas da sua casa estavam sempre abertas para os teólogos aventureiros, para os agitadores, para os que espalhavam escândalos e heresias, não dissimulando nunca, pelo contrário, a sua animosidade para com os tradicionalistas e integristas que defendiam o que ele queria destruir. Não os excomungou porque não tinha razões canônicas para tal, mas precavia-se em não ter contacto pessoal directo com eles. O que é mais do que uma excomunhão, porque é a **anulação e supressão dialéctica** do adversário, como o que este texto assina, que não se vergou jamais às loucuras, aos caprichos, às distorções, às extravagâncias de tanto clero progressista de obediência servil em levar a termo, como disse o Cardeal Garrone, **“a derrota do outro partido”**.

Dos muitos feitos da sua falsa Caridade, podem ler-se uns quantos nos meus três livros sobre Paulo VI a respeito do seu sectarismo, que tinha todo o sabor do cisma. Sim, porque o cisma, sendo a separação da Igreja Católica de uma parte dos fiéis, pode definir-se como um **“pecado-delito”** contra a Caridade, que é amor **guiado pela Fé e pela Esperança**; e que, necessariamente, implica ódio contra o Reino de Deus e a Igreja, para debilitar esta e arrancar-lhe as almas mediante excisões e heresias!

Por isso, jamais Paulo VI poderia ter lançado este grito:

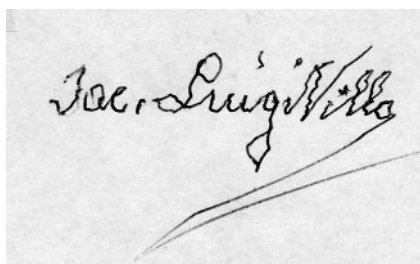
**«CHARITAS CHRISTI URGET NOS!».**

\*\*\*

Depois do que escrevo sobre **Paulo VI** sou obrigado a colocar em evidência o profundo mistério da **“mens”** de **Paulo VI** modernista, por meio dos seus **“feitos”** e **“ditos”**, porque constituem a razão da minha reacção espiritual, que tanto me faz sofrer.

Digne-se, Eminência, tomar em consideração o meu trabalho, expressão do meu respeito e da minha oração.

Pbro. Luigi Villa

A photograph of a handwritten signature in black ink on a light-colored background. The signature reads "Pbro. Luigi Villa" in a cursive script. The signature is written on a piece of paper that has some faint horizontal lines, possibly from a letterhead or a document. The ink is dark and the handwriting is clear and legible.

# LISTA DOS “FEITOS” Y “DITOS” DE PAULO VI

## PULO VI E A DUPLA MISSA NEGRA

A eleição ao papado do **Cardeal Montini** (21 de Junho de 1963) foi devida à intervenção de alguns representantes da **Alta Maçonaria Hebraica da B'nai B'rith**.

Em **29 de Junho de 1963**, oito dias após a eleição de **Paulo VI**, na **Capela Paulina** e numa capela de **Charleston** (Carolina do Sul – EUA) **foi celebrada uma dupla missa negra**, com o fim de **entronizar Lúcifer na Capela de São Paulo**, coração do Catolicismo.

No fim dessa missa sacrílega, os participantes da **Capela Paulina juraram**:

«**entregar a Alma nas mãos do onnipotente Lúcifer**»;  
«**ser instrumentos e colaboradores voluntários dos fundadores da ‘Casa do Homem sobre a Terra’**»;  
«**modelar a ‘Nova Era do Homem’**»;  
«**erigir a ‘Igreja Universal do Homem’**».

Depois dessa missa negra, que fez Paulo VI nos seus 15 anos de Pontificado?

Desde a sua viagem à Terra Santa, em 1964, **Paulo VI começou a usar o “Ephod”**, símbolo da **negação da divindade de Jesus Cristo**.

Em 1964, **Paulo VI**, na presença de 2.000 Bispos, **depôs definitivamente a Tiara sobre o altar, repelindo os três poderes papais**, significando, assim, que já não desejava governar a Igreja.

Lendo a **Trilogia Montiniana** de **Dom Luigi Villa**, descobre-se que **Paulo VI**:

- inventou um **cristianismo novo**, desligado da Cruz;
- **substituiu o “Culto de Deus” pelo “Culto do Homem”**, ou seja o primado do **sobrenatural** pelo primado do **natural** e do **temporal**;
- **substituiu o primado da “Lei de Deus” pelo primado da “consciência”**;
- **substituiu o primado do “Reino de Deus” e da vida eterna pelo primado do “mundo”, da “Paz” e do “paraíso na Terra”!**
- **inventou um cristianismo que considera Cristo como um “libertador”**, não do pecado, mas do sofrimento e da escravidão;
- **inventou um Evangelho confundido com a “Carta dos Direitos do Homem”** e colocado ao serviço da **“justiça social”**; os **“Direitos de Deus”** foram abolidos a favor da exaltação dos **“Direitos”** e dos **“gostos” do homem**;
- **reduziu a evangelização do sobrenatural “docete” a um “diálogo”** que se apoia apenas nos meios humanos e não **procura a conversão**.
- **inventou um cristianismo que, idolatrando o homem, proclamou a “Liberdade religiosa” como direito fundamental e absoluto do homem**, e promoveu um falso amor pelo homem, sobre o qual **Paulo VI fundou a sua “Religião do Homem”**:

«**Devemos assegurar, no caminho da Igreja, um novo modo de sentir, de querer, de comportar-se**»;

«**A religião deve ser renovada**»;

«**Já não é caso de atrair as almas e interessá-las pelas “coisas supremas”**»;

«**Não se trabalha para a Igreja, mas trabalha-se para a humanidade**»;

**«Não chegará o homem moderno, um dia (...) a prestar ouvidos à voz maravilhosa do Espírito que nele palpita? Não será a religião de amanhã?»;**

**«O nosso Humanismo transforma-se em Cristianismo e o nosso Cristianismo transforma-se em teocêntrico, de modo que podemos igualmente afirmar: para conhecer Deus, há que conhecer o homem»!**

**«O homem revela-se-nos gigante. Revela-se-nos divino. Revela-se-nos divino não em si, mas no seu princípio e no seu destino. Honra ao homem, honra à sua dignidade, ao seu espírito, à sua vida! [...] Honra ao homem; honra ao pensamento! Honra à ciência! [...] Honra ao homem, Rei da Terra, e agora também Príncipe do céu!».**

**Em 7 de Dezembro de 1965, Paulo VI, perante toda a Assembleia Conciliar, pronunciou o discurso no qual proclamou o “CULTO do HOMEM”:**

**«Para conhecer Deus, há que conhecer o homem».**

**«Toda esta riqueza doutrinal do Concílio não visa senão uma coisa: servir o homem».**

**«o humanismo laico e profano apareceu, finalmente, na sua terrível estatura e, em certo sentido, desafiou o Concílio. A religião do Deus que se fez Homem encontrou-se com a religião do homem que se fez Deus... Nós, mais que quaisquer outros, NÓS TEMOS O CULTO DO HOMEM!»**

**«... O homem revela-se divino. Revela-se-nos divino não em si, mas no seu princípio e no seu destino».**

## **PAULO VI MAÇÃO**

**Mons. Montini disse ao P. Felix A. Morlion, OP: «Não passará uma geração e será feita a paz entre as duas sociedades» (Igreja e Maçonaria).**

**Em 20 de Março de 1965, Paulo VI recebia em audiência dirigentes do “Rotary Club”, uma organização maçónica, e disse: «a forma associativa deste grupo para-maçónico» era boa e que «bom era o método» e, portanto, «bons também os fins».**

**Em 1965, Paulo VI recebeu no Vaticano o Chefe da Loja P 2, Lício Gelli e conferiu-lhe a nomeação de Comendador: “Equitem Ordinis Sancti Silvestri Papae”.**

**Paulo VI recebeu o elogio fúnebre do Grão-mestre do Palácio Giustiniani, Giordano Gamberini, escrito em La Rivista Masónica.**

**Na Comissão Directiva para uma Bíblia harmonizada, Paulo VI quis também o Grão-mestre do Grande Oriente de Itália, Prof. Giordano Gamberini, um dos fundadores e “bispos” da “Igreja Gnóstica” italiana, que é a “Igreja satanista”, fundada em França, em 1888.**

**O Conde Léon Poncins referiu que a Maçonaria «com Paulo VI tinha vencido»!**

**O alto iniciado Marsaudon, falando de Montini, escreveu: «Verdadeiramente, pode-se falar de Revolução, a qual, tendo partido das nossas Lojas maçónicas, se estendeu magnificamente desde o cimo da Basílica de São Pedro».**

**No Pontificado de Paulo VI aprovaram-se leis maçónicas, como o aborto, o divórcio, a separação entre a Igreja e o Estado, a degradação dos Seminários e das Congregações Religiosas.**

**Paulo VI, na ONU, entrou na Sala de Meditação (Meditation Room), santuário maçónico, em cujo centro está “um altar para um Deus sem rosto”.**

**Durante a sua viagem à Terra Santa, em 1964, no Monte das Oliveiras, Paulo VI abraçou o Patriarca ortodoxo Atenágoras I, mação do 33º grau!**

Paulo VI dará o “seu Pastoral” e o seu “anel” ao budista birmanês e maçã U’Thant, Secretário-geral da ONU.

Em 23 de Março de 1966, Paulo VI colocou no dedo do Dr. Ramsey, laico e maçã, o seu novo anel conciliar e, a seguir, ambos deram a bênção aos presentes.

Em 1971, Paulo VI recebeu em audiência pública, no Vaticano, membros da Loja maçônica dos B’nai Brith, que Paulo VI chamou «meus queridos amigos!»

O alto iniciado mexicano Carlos Vasquez Rangel revelou que «Ângelo Roncalli e Giovanni Montini foram iniciados, no mesmo dia, nos augustos mistérios da Fraternidade».

Paulo VI – segundo especialistas de heráldica da nobreza – seria descendente de judeus convertidos. Além disso, teria sido “iniciado” na Loja dos B’nai Brith.

O Príncipe Scotersco escreveu que a eleição ao Papado do Cardeal Montini se deveu à intervenção de representantes da Alta Maçonaria Hebraica dos B’nai Brith.

Os principais e muito poderosos colaboradores de Paulo VI eram maçãs.

Entre eles:

- Mons. Pasquale Macchi, seu Secretário pessoal de 1967 a 1978;
- Card. Jean Villot, largos anos Secretário de Estado de Paulo VI;
- Card. Agostino Casaroli, o homem a quem confiou a sua Ostpolitik;
- Card. Ugo Poletti, representante de Paulo VI na Diocese de Roma;
- Card. Sebastián Baggio, Prefeito da “Congregação dos Bispos”;
- Card. Joseph Suenens, um dos grandes eleitores de Paulo VI;
- Mons. Annibale Bugnini, a quem Paulo VI confiou a Reforma Litúrgica;
- Card. Franz Köenig, Arcebispo de Viena;
- Card. Achille Liénart;
- Mons. Paul Marcinkus, Presidente do IOR, ligado à Mafia.

Outras provas da pertença de Paulo VI à Maçonaria são:

- O painel nº 12 da Porta de Bronze da Basílica de São Pedro, no qual havia uma estrela de cinco pontas, inscrita num círculo, sobre a mão esquerda de Paulo VI.
- O monumento a Paulo VI, no Sacro Monte de Varese, que glorifica as três traições de Paulo VI: a Cristo, à Igreja e à História.
- A estranha assinatura que aparece no retrato oficial de Paulo VI, além da Marca da Besta, do Número do Anti-Cristo e a Declaração de Guerra a Deus, indica Paulo VI como a **Segunda Besta** saída da Tera no Apocalipse de São João, quer dizer, o **Chefe Supremo da Ordem dos Illuminati da Baviera**.
- No pátio de Paulo VI aparece a Cruz Templária coroada pelo archote, símbolo do **Chefe Supremo dos Illuminati da Baviera**.
- Na lápide tumular de Giuditta Alghisi (mãe judia de Paulo VI, falecida em 1943), no cemitério de Verolavecchia (Brescia), estão gravados, muito visivelmente, símbolos maçônicos, esquadro, compasso, triângulo, **desenhados por Mons. Montini**. Estes símbolos exprimem a geometria da blasfema e satânica **Tripla Trindade** maçônica, o **segredo mais profundo e zelosamente guardado pelos Superiores Desconhecidos da Maçonaria**. O significado desta representação não pode ser senão a “predestinação” concedida pelos Superiores Desconhecidos a **Mons. Montini** como futuro **Patriarca do Mundo**, isto é, como futuro **Chefe Supremo da Ordem dos Illuminati das Baviera**.

## **PAULO VI E O COMUNISMO**

**Durante os anos da II Guerra Mundial, Dom Giovanni Battista Montini trabalhou para o Office of Strategic Services (OSS – informações militares, predecessor da CIA), como também para as Informações Britânica e Soviética, e forneceu informações que serviram aos Aliados para conhecer os objectivos estratégicos dos bombardeamentos aéreos.**

**Montini teve encontros secretos com os comunistas, apesar da posição oficial anticomunista dos Papas Pio XI e Pio XII. Em 1938, Mons. Montini teve um encontro reservadíssimo com os comunistas Donini e Sereni; em 1944, entrou em negociações com Palmiro Togliatti; em 1945, com o comunista Eugénio Reale.**

**Em 1954, Pio XII recebeu do Coronel Arnauld as provas da traição de Mons. Montini com os serviços secretos soviéticos e afastou-o da Secretaria de Estado.**

**No arquivo do cardeal Tisserant estavam as cartas de Montini, que informavam o KGB dos nomes e dos movimentos sacerdotais daqueles que exerciam, clandestinamente, o ministério sacerdotal entre a gente oprimida e perseguida nos países comunistas.**

**No arquivo do Cardeal Tisserant está, também, o “credo” marxista do então Mons. Battista Montini.**

**Em 1954, Pio XII descobriu também que Mons. Montini “lhe tinha escondido todas as mensagens noticiosas relativas ao cisma dos Bispos chineses”.**

**Em 1954, em Milão, Montini reuniu à sua volta uma camarilha de companheiros de viagem de mentalidade liberal, anarquistas, comunistas, socialistas, mafiosos e membros da comunidade artística e literária de “vanguarda”.**

**Outro escândalo foi a subtração fraudulenta da “Petição dos 450 Bispos” que queriam, em Setembro de 1965, no Concílio (e em concílio), a condenação do comunismo, mas Paulo VI não quis que o Concílio o condenasse. Uma verdadeira traição!**

**Paulo VI não interveio mais, nem tampouco condenou as campanhas a favor do comunismo e da exaltação do racismo negro, permanecendo indiferente ante as desgraças dos Cristãos injustamente reduzidos à escravidão.**

**Paulo VI abriu a Igreja ao “diálogo” e à cooperação com os comunistas. A sua traição manifestou-se em 1971, com a remoção forçada do grande Cardeal Mindszenty, ao qual Paulo VI impediu a publicação das suas Memórias.**

**Paulo VI encontrou-se com Gromyko, com Podgorny e, em largas sessões secretas, com Mons. Nicodemo, arcebispo de Leninegrado e agente secreto de alto nível.**

**Descobriu-se que Berlinguer, então secretário do Partido Comunista italiano, era o agente diplomático secreto de Paulo VI com o governo comunista de Hanói.**

**Paulo VI, num apelo à China, manifestou a sua alegria ante o anúncio da Revolução Cultural.**

**Sob o Pontificado de Paulo VI foram consumadas as traições ao Cardeal Mindszenty, ao Cardeal Slipyi e a tantos outros milhões de vítimas do comunismo, em especial na Hungria, Checoslováquia, Vietname do Sul, Angola, Moçambique, Uganda...**

**A “Igreja do Silêncio” foi um crime para as “testemunhas” que se deixavam matar para testemunhar e defender Jesus Cristo!**

**A “abertura a Leste” de Paulo VI foi um verdadeiro matadouro para a Fé! Tal “abertura”, designada “Ostpolitik”, veio a ser a maior traição de todos os tempos, para que Paulo VI se servisse da Igreja com fins subversivos, até transformar Cristo em um “revolucionário social” em prol do bem-estar humano.**



A “Igreja do Silêncio” incomodava o “Silêncio da Igreja” de Paulo VI. Por isso, o Cardeal Slipyi, após decénios a viver em campos de concentração com trabalhos forçados, foi, por vontade de Paulo VI, para o Vaticano, onde, seguidamente, foi **encerrado numa prisão**, na qual – como me disse ele mesmo durante uma minha “visita” – «em cada instante está na minha mente a odisseia passada nos campos de concentração soviéticos, e a minha condenação à morte; **mas, em Roma, dentro dos muros do Vaticano, vivi momentos piores!**»

Paulo VI depôs o Cardeal Mindszenty do seu cargo de Primaz da Hungria, porque este sempre se recusou a aceitar o diálogo com o comunismo. O Cardeal, num encontro em Viena, disse-me: «**Creia-me... Paulo VI entregou países Cristãos inteiros às mãos do comunismo... mas a verdadeira Igreja continua sendo a nossa, obrigada às catacumbas!**»

O filo-comunismo de Paulo VI deu a vitória ao comunismo na Itália.

A sua “Ostpolitik”, no seu Pontificado, procurou e conduziu a uma grande aproximação com a Rússia bolchevique.

A sua “Populorum Progressio” (26 de Março de 1967) tem um tom completamente marxista, porque a sua “justiça” equivale à “igualdade” e porque quer a fusão das religiões.

## PAULO VI HOMOSSEXUAL

Testemunhos da homossexualidade de Paulo VI são:

O escritor homossexual Robin Bryans, que revelou a relação homossexual entre Mons. Montini e Hugh Montgomery.

O ex-Embaixador homossexual Roger Peyrefitte, que falou da homossexualidade de Paulo VI, dizendo que, quando Arcebispo de Milão, ia a uma casa afastada para encontrar jovens *ad hoc*.

O New York Times, que publicou o nome de um famoso actor italiano, Paolo Carlini, que se converteu em visita frequente dos apartamentos privados de Paulo VI, no Vaticano.

O Abade Georges de Nantes, que acusou Paulo VI de homossexualidade, citando várias fontes.

O escritor Franco Bellegrandi, que descreveu os seguintes factos: **a chantagem dos soviéticos sobre Montini, a fim de conhecerem os nomes dos sacerdotes enviados clandestinamente para o interior da Cortina de Ferro; o processo de “colonização homossexual” sob o reinado de Montini; as intervenções nocturnas da polícia contra o Arcebispo de Milão, Mons. Montini, encontrado nas ruas da cidade em trajes civis e em companhia duvidosa; a autorização do predilecto de Montini de entrar e sair à vontade do apartamento do Papa; a chantagem que alguns mações exerceram sobre Paulo VI, ameaçando-o com a publicação de factos referentes à sua homossexualidade, a fim de obterem a cremação dos cadáveres, sempre recusada pela Igreja.**

O Cardeal Pietro Palazzini tinha em seu poder duas grandes pastas cheias de documentos que atestavam, de maneira irrefutável, o vício impuro e contra natura de Paulo VI.

A homossexualidade de Paulo VI foi instrumental na alteração do comportamento que originou o surgimento do “colectivo homossexual” na Igreja Católica dos Estados Unidos.

No “colectivo” estavam:

O Cardeal Joseph Bernardin, o Cardeal Terence James Cooke, o Cardeal John Wright, o Arcebispo Rembert George Weakland, o Bispo James S. Rausch, o Bispo George Henry Gutfogle, o Bispo Francis Mugavero, o Bispo Joseph Hubert Hart, o Bispo Howard James Hubbard...

## **PAULO VI E O SEU PONTIFICADO**

**Paulo VI foi um Papa que não governou a Igreja, pelo que não pode ser absolvido de toda essa auto-destruição da Igreja, da qual só ele foi o primeiro responsável.**

**A acção demolidora do Pontificado de Paulo VI pode resumir-se assim:**

- **demolição do Santo Ofício, guardião da ortodoxia;**
- **abrogação do Juramento anti-modernista;**
- **supressão do Index, que proibia a leitura de livros daninhos para a Fé;**
- **escandalosa passividade perante o cisma holandês;**
- **autorização de uma edição italiana do Catecismo dos heréticos holandeses;**
- **visita à Assembleia do Conselho Ecuménico das Igrejas;**
- **desintegração do tesouro litúrgico;**
- **luteranização da Missa;**
- **homenagens públicas a Lutero;**
- **demolição de encíclicas que tinham condenado o Comunismo, o Modernismo, a Maçonaria;**
- **demolição da vida religiosa e clerical;**
- **constante nomeação de Bispos liberais ou progressistas para as Sés vacantes em todo o orbe Católico.**

**Paulo VI substituiu a “religião”, princípio de união entre os homens, pela “liberdade”. Com Paulo VI e o Vaticano II entrou a “desunião” na Igreja, também entre a Jerarquia, pelo que nos encontramos perante não uma Igreja, mas **duas igrejas diferentes: a “Igreja de Cristo” e a “Igreja Universal do homem”, de inspiração satânica.****

**Imediatamente após a sua eleição como Sumo Pontífice, Paulo VI colocou-se ao serviço do renascimento da “Nova Teologia”, chamando para o ensino bíblico os jesuítas Lyonnet e Zerwhick, já condenados pelo Santo Ofício; prontamente chamou, para fazerem parte da Comissão Bíblica, os Cardeais Alfrink e Koenig e mais quatro estudiosos progressistas modernistas, os quais, em 21 de Abril de 1964, publicaram uma “Instrução” que era a rejeição do “Monitum” do Santo Ofício que defendia a historicidade dos Evangelhos.**

**Paulo VI fez de Michele Sindona o seu “homem de confiança”, o qual geria os dinheiros da Mafia siciliana, da Loja Propaganda 2 e da Central Intelligence Agency (CIA) [na Itália – N.T.].**

**Paulo VI determinou a demissão dos Bispos aos 75 anos de idade, e dos Cardeais membros do Conclave aos 80 anos.**

**Paulo VI fez desaparecer todas as formas de devoção e de oração públicas. Nuna alguém o viu rezar. Nem sequer em Fátima, ninguém o viu ou jamais o ouviu recitar uma Ave Maria! O mesmo se pode dizer dos “costumes”. Sob o seu pontificado a sua decadência foi geral. Inclusivamente, o matrimónio dos sacerdotes desenrolou-se com o seu consentimento, cumplicidade e cooperação.**

**Paulo VI introduziu, também, o divórcio por mútuo acordo.**

**Paulo VI não condenou o pérfido e satânico Catecismo Holandês, querendo que tal venenoso livro se difundisse em toda a Igreja.**

**Paulo VI acolheu no Vaticano terroristas assassinos de mulheres e crianças. De facto, em 1970, recebeu os três chefes do terrorismo de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde.**

**Sob Paulo VI foram rejeitadas a “Escolástica Tomista” e a “Tradição” da “Lei Natural”, substituindo-as pelos métodos teológicos do pensamento científico, como a Fenomenologia e o Existencialismo.**

**Sob o Pontificado de Paulo VI, os sacerdotes efeminaram-se no aspecto pouco casto, sentimental, acomodaticio, ecuménico, indiferente aos erros e a quem os ensina e difunde, incapazes de conduzir uma batalha contra o mal pela busca do bem.**

**O mesmo Paulo VI presidiu à completa laicização de milhares de sacerdotes validamente ordenados, concedendo-lhes a dispensa “pro-gratia”.**

**Paulo VI debilitou o celibato obrigatório dos Sacerdotes, abrindo o diaconato permanente aos casados, e promoveu a aceitação de “Ministros leigos” no papel de “Leitores” e para abrir caminho ao “rito laico da Comunhão”.**

**Paulo VI quis que se abandonasse o hábito talar pelo vestuário civil.**

**Paulo VI eliminou todas as Ordens Menores: a Tonsura, o Ostiariato, o Exorcistado, o Subdiaconato; permitiu “concelebrações” de Pastores anglicanos; tentou, várias vezes, suprimir a vida de “clausura”; permitiu a “Comunhão na mão” e, também, que se desse a Comunhão a jovens de mini-saia.**

**Paulo VI aboliu o latim da Liturgia, obrigando ao uso da língua nacional e até de dialectos; destruiu a música sacra com o uso do tam-tam e do rock; fez dar a volta aos altares – mesas para a “Ceia” protestante – para ficarem frente ao povo, contra a “Humani Generis”; deixou demolir os dogmas; deixou obscurecer os Sacramentos e debilitar os Mandamentos; abençoou os “pentecostais”, bailarinos estridentes em São Pedro.**

**Paulo VI, com os seus “aggiornamenti” para se adaptar ao mundo, esvaziou os Seminários, os Noviciados religiosos; deu à Igreja “sacerdotes sindicalistas”, de “esquerda”, reduzindo a mensagem da Cruz a um vil humanismo; suprimiu muitas Festas de preceito; suprimiu a abstinência da carne às Sextas-feiras; emitiu um “Decreto” sobre o “matrimónio misto”, deixando de exigir o Baptismo Católico dos filhos.**

**Paulo VI enviou o Cardeal Willebrandt, como seu legado, à Assembleia luterana de Évian, a fim de fazer o elogio de Lutero; destruiu o “triumfalismo” na Igreja, criando o slogan “a Igreja dos pobres”.**

**Paulo VI teve uma espécie de fúria na destruição dos Estados Católicos (Itália, Espanha, etc.).**

**Paulo VI, pelo seu orgulho, seu sensualismo, seu materialismo, seu laicismo, nunca fez nada sério e esforçado na reabilitação da Europa descristianizada.**

**Paulo VI destruiu a excomunhão “*latae sententiae*” de São Pio X contra os eclesiásticos que impugnavam o “decreto *Lamentabili*” e a encíclica “*Pascendi*”, e impôs que não se falasse sequer de excomunhão.**

**Paulo VI, apesar de não ter formação teológica e de, além disso, lhe faltar espírito sobrenatural, no Concílio Vaticano II alterou e literalmente profanou a Religião Católica.**

**Paulo VI, em 1978, disse: «A hora presente... é, agora, de tempestade! O Concílio não nos deu... a tranquilidade, mas, desafortunadamente, suscitou perturbação».**

**Paulo VI, com o Motu Proprio “*Sacrum diaconatus ordinem*”, estabeleceu que “podem ser chamados ao diaconato homens de idade madura, sejam celibatários ou unidos em matrimónio”. Foi um gesto papal que preludiava a Ordenação sacerdotal também para os casados.**

**Paulo VI, com o Motu Proprio “*Matrimonio mixta*”, desobrigou o cônjuge não Católico do solene compromisso de deixar baptizar e educar os filhos na Igreja Católica. Esta norma passou, prontamente, para o Código de Direito Canónico de 1983 (cân. 1125).**

**Paulo VI, com a Instrução “*Memoriale Domini*”, autorizava as Conferências Episcopais a conceder**

também a distribuição da Comunhão na mão. Foi outro gesto sacrílego!

**Paulo VI, com a Instrução “Fidei custos”, autorizava os leigos a distribuir a Santa Comunhão, contra o que Jesus havia reservado aos Apóstolos e ao Clero.**

**Paulo VI, ao passo que travava amizade com dissidentes, heréticos, mundanos, revoltosos, ateus e membros de todas as religiões, manteve constante inflexível hostilidade para com os defensores da Fé Católica.**

**Paulo VI recusou receber 4.000 Católicos Tradicionalistas de todo o mundo, mas recebeu em audiência um grupo de Rabinos Talmúdicos e o Patriarca dos Bonzos.**

**Paulo VI, com a desculpa do “aggiornamento”, também doutrinal, abriu portas a toda a casta de heresias.**

## **PAULO VI E A SUA NOVA IGREJA**

A “Nova Igreja” de Paulo VI resumia-se nestes termos:

- devia mudar o seu conceito verdadeiro e profundo;
- devia substituir o “**docete**” pelo “**diálogo**”;
- devia ser **libertada dos dogmas**;
- **devia transformar-se na “Igreja do Homem”**;
- devia aprender um novo modo de orar;
- devia ter uma **nova liturgia**;
- **a Igreja devia ser descristianizada para ser “absolvida” do seu passado**;
- devia aceitar o **primado secular** e não o religioso;
- devia substituir a “**philosophia perennis**” por outra “**filosofia revolucionária**”;
- devia abrir-se ao **Mundo, a todas as falsas religiões, aos não crentes, aos ateus**;
- devia aceitar um **sincretismo ecumenista** fundado na filosofia moderna;
- devia abandonar o **sobrenatural** em troca de uma simples **atitude religiosa**;
- devia transformar-se numa contra-religião natural;
- devia servir a **criação de uma “Nova Ordem Mundial” maçónica**;
- devia ser **protestantizada para favorecer a sua transformação em “Igreja Universal do Homem”**;
- devia adoptar a política de **não intervenção**, para facilitar a **auto-destruição da Igreja**.

**Paulo VI, em 1963, declarou: «Não há que admirar-se de que, depois de vinte séculos... o conceito verdadeiro, profundo, completo da Igreja, como Cristo a fundou... todavia necessite de ser mais precisamente anunciado».**

Na sua encíclica “Ecclesiam Suam”, Paulo VI escreveu: «A Igreja faz-se “diálogo” e este “diálogo” deverá caracterizar a nossa tarefa católica». Queria abrir-se a todas as religiões e ideologias do mundo, que em seguida foram suas colaboradoras na “auto-destruição” da Igreja, para a substituir pela satânica “religião do homem”!

**Paulo VI obrigou a Igreja a aprender uma nova maneira de orar, em coro; uma “nova Liturgia”, uma “nova atitude em relação ao mundo”, um “novo relacionamento” com os irmãos de outras igrejas e confissões cristãs. Com os “irmãos maiores judeus”; com os não-cristãos; com os não-crentes...**

**Paulo VI queria protestantizar toda a Igreja, para a dissolver logo na “Super-Igreja-Universal” maçónica, ou seja, uma religião sintética, a O.R.U., ou “Organização das Religiões Unidas”.**

**Paulo VI levou a cabo a política de “não intervenção” para justificar a abdicação do seu dever de intervir no impedimento da auto-destruição da Igreja, que ele mesmo conduzia para pô-la ao serviço da Humanidade e conciliar todas as crenças e todos os cultos em uma única Religião Universal.**

## **PAULO VI E A SUA MISSA**

Paulo VI entendia que a Igreja dogmática era o maior obstáculo ao ecumenismo, porque a “verdade” revelada por Cristo, fundando a unidade na Verdade, era um obstáculo à unidade das religiões!

Paulo VI, com a Constituição “Missale Romanum” e, a seguir, com o “Novus Ordo Missae” de 3 de Abril de 1969, substituiu o antigo Rito Romano da Santa Missa pela sua “Nova Missa”, completamente protestante.

**A “Missa” de Paulo VI é a destruição intencional do conceito e do valor intrínseco do “Sacrifício Eucarístico”, da “Presença Real” e da “sacramentalidade” do Sacerdócio ministerial, quer dizer, a destruição completa do valor dogmático essencial da Santa Missa.**

**A Missa ecuménica de Paulo VI “dessacraliza” a Santa Comunhão, tomada de pé, na mão e distribuída por leigos; mistura o “Sacrifício Propiciatório” do “povo de Deus” com o do Sacerdote (convertido em “Presidente”), com o rito no qual a “reforma” foi inspirada com um maçónico ecumenismo sincretista.**

A Missa de Paulo VI foi asperamente criticada pelos Cardeais Ottaviani e Bacci, porque **“se afastava, de modo impressionante, no conjunto e nos detalhes, da Teologia Católica da Santa Missa”**. Paulo VI foi obrigado a alterar a sua definição herética, mas, na “nova definição”, juntou só um débil acento ao “Santo Sacrifício”, sem nada mudar em todo o resto do texto litúrgico.

**Com a sua “Nova Missa”, Paulo VI impôs “erros” já condenados pelo Concílio de Trento e por PIO VI, que condenou os mesmos erros do “Sínodo de Pistóia” contra os Jansenistas.**

Paulo VI, após ter suprimido as “Ordens Menores” e o “Subdiaconato”, fez com que, pouco a pouco, os “leigos” assumissem o posto dos Sacerdotes, como fez Lutero e como fazem os protestantes.

## **PAULO VI CONTRA O CULTO DE MARÍA SSMA.**

Montini não tinha “sensibilidade Mariana”, sempre ausente das tradicionais festividades de entronização de Maria e peregrinações a Loreto, e **não participava nunca da recitação pública do Rosário.**

Paulo VI tentou, inclusivamente, limitar o culto de Maria SSm<sup>a</sup>, para agradar aos protestantes.

Em Milão, disse: **«A proposta de um novo título, vale dizer de “Mediadora”, para atribuir a Maria SSm<sup>a</sup>, parece-me “inoportuna” e, inclusivamente, “nociva”...»**

**«A extensão deste título não parece favorecer a verdadeira piedade.**

A “Mediação de Maria” foi totalmente ocultada pelo Vaticano II, **por vontade própria de Paulo VI.**

## **O FÉRETRO DE PAULO VI**

No ataúde de Paulo VI não estava nenhum símbolo cristão, **nem sequer a Cruz.**